

MATEUS: O EVANGELHO DA RUPTURA

*Rodrigo P. Silva**

Resumo

Este artigo avalia o objetivo, o método e a teologia do Evangelho de Mateus. No que concerne ao objetivo, o autor discute a questão referente a uma composição do Evangelho anterior à comumente defendida pelos eruditos, o público alvo do Evangelho a época e as condições em que viviam. Na parte referente ao método, o autor discute a divisão dos discursos, as técnicas literárias utilizadas pelo evangelista, a tradição judaica e o rompimento da igreja com a sinagoga. Quando aborda a teologia mateana, o autor demonstra que no início do seu Evangelho, Mateus associou as figuras de Cristo e Moisés no Êxodo, conforme o quadro midrástico. As conclusões são feitas conforme uma sugestão interpretativa ou uma tentativa de reconstrução do ambiente histórico que motivou o ex-cobrador de impostos a escrever uma brilhante obra sobre a vida terrena do Filho de Deus.

Abstract

The purpose, method, and the theology of the Gospel of Matthews are evaluated. As related to the purpose, the author discusses the question referred to an earlier composition of the Gospel than the one most commonly maintained by the scholars, the Gospel's public target, the period and the conditions they lived in. As related to the method, the author discusses the division of the discourses, the literary techniques used by the evangelist, the Judaic tradition, and the separation of the church with the synagogue. When approaching the theology of Matthews, the author demonstrates that in the beginning of his Gospel, Matthews associated the figures of Christ and Moses in the Exodus, according to the Midrashic frame. The conclusions are generated according to an interpretative suggestion or an attempt to reconstruct the historic environment that motivated the former tax collector to write a brilliant work about the earthly life of the Son of God.

INTRODUÇÃO

No âmbito das Ciências Bíblicas, é deveras notório o aumento de estudos e debates acerca dos Sinóticos e sua importância para a reconstrução do ambiente

*Professor na Faculdade de Educação e Diretor do Museu Arqueológico do Instituto Adventista de Ensino, Campus Engenheiro Coelho, SP.

encontrado na Igreja primitiva. Por isso, mais do que nunca, surgem a cada ano importantes trabalhos de pesquisa voltados, principalmente, para os objetivos, o método e a teologia por detrás de cada evangelista.¹

Por *objetivos*, entenda-se a busca dos motivos e circunstâncias históricas que levaram determinado autor a escrever uma obra acerca da vida de Cristo. Também aqui, procura-se compreender o contexto em que viviam os primeiros destinatários do livro que, são, de fato, os motivadores imediatos do evangelista. Já o *método* prende-se à forma como os evangelistas passaram essa mensagem, as metodologias que eles usaram, a história redacional do texto sagrado e os recursos orais e literários que podem ser encontrados na reconstituição histórica que cada autor fez da vida de Jesus Cristo. À *teologia* caberá descobrir o que há por detrás do texto sagrado. Que temas de fé podem ser extraídos daquele livro e de que modo o autor adapta o *querigma* do Cristo ao contexto eclesiológico dos primeiros destinatários de sua obra. A *teologia dos evangelhos sinópticos* é, portanto, no dizer de Joachim Jeremias, uma *teologia da pregação de Jesus*.²

A nova busca, em síntese, visa compreender que cada evangelista escreveu seu evangelho para responder a situações específicas de seu tempo. Contudo, apesar do hiato entre ele mesmo e a vida de Cristo, houve uma legítima preocupação em reproduzir com muita fidelidade o conteúdo próprio que o Senhor havia ensinado. Assim, embora os sinópticos não intentem ser uma biografia de Jesus, jamais perdem de vista a história e a doutrina que Ele pregou.

O Objetivo Mateano

Durante muito tempo, tornou-se quase uma uniformidade hermenêutica situar a composição dos Sinópticos numa datação tardia, entre 70 e 90 d.C. Contudo, um número considerável de autores têm se posicionado em favor de uma data bem anterior, talvez mediada entre os anos 30 e 70 d.C. Entre estes defensores de uma

¹Há excelentes trabalhos de síntese publicados, entre eles: J. Rohde, *Die Redaktionsgeschichtliche Methode* (Hamburgo: Evangelischer Verlag GMBH, 1966); H. Conzelmann, *Teologia del NT* (Brescia: Morcelliana, 1972 [esp. 183-196]); S. Johnson, *The Theology of the Gospels* (Londres: SCM, 1966); G. Hasel, *New Testament Theology: Basic Issues in Current Debate* (Grand Rapids, Michigan: W. B. Eerdmans Publishing Co., 1972); J. Schreiner, e G. Dautzenger, *Gestalt und Anspruch des Neuen Testaments* (Würzburg: Echter Verlag, 1977, [esp. 200-336]); J. Jeremias, *Le message central du Nouveau Testament* (Paris: du Cerf, 1977); F. J. Schiese, *Introducción al Nuevo Testamento* (Barcelona: Editorial Herder, 1983, [esp. 106-127]); E. Charpentier, *Des évangiles à l'Évangile* (Paris: Éditions du Centurion, 1976).

²J. Jeremias, *Teologia do NT* (São Paulo: Ed. Paulinas, 1971), 13-16.

antecipação redacional dos Evangelhos Sinópticos figuram especialistas como F. F. Bruce³, Theodor Zahn⁴ e A. T. Robertson⁵.

Assim, se podemos trabalhar com uma hipótese de retardamento da data de composição dos sinópticos, será fácil situar Mateus no momento áureo da crise entre a Igreja Cristã e as Sinagogas judaicas que perdurou entre o apedrejamento de Estevão (34 d.C.) e a fuga dos cristãos para Pela, antes que Jerusalém caísse nas mãos de Tito em 70 d.C.

Segundo uma antiga citação de Eusébio, Papias havia declarado por volta de 130 d.C., que o apóstolo Mateus coligiu as declarações de Jesus em hebraico (ou aramaico) e as redigiu em um livro denominado *Logia tou Iesou* (Ditos de Jesus).⁶ O problema com a confirmação desse texto é que o trabalho de Mateus não possui características de ser uma tradução. Antes, seu original parece realmente ter sido a língua grega. Por isso, é difícil decidir-se quanto a todas as implicações do testemunho de Papias.

Não obstante, temos outra pista em relação ao conteúdo textual deste evangelho que nos oferece um panorama da comunidade à qual ele se dirigiu em primeira instância. Como situação geral, podemos supor por detrás dos primeiros destinatários, uma igreja composta fundamentalmente de características judeo-cristãs (o que não nega a presença, também, de conversos gentílicos). Os pontos que levam à esta dedução são os seguintes:

- Diferente de outros escritores do NT, Mateus geralmente não se preocupa em traduzir todas as expressões hebraicas que utiliza (5:22; 27:6)⁷.
- Ele usa com fartura preceitos e termos técnicos do judaísmo (15:2 [comp. com Mc 7:2]; 23:5, 24; 23:37).
- Mateus também apoia fortemente a validade universal da *Lei/Torah* (5:19-20) que, certamente, era guardada por sua comunidade (compare Mt 11:13 com Lc 16:16).

³Bruce supõe que o último Sinóptico poderia ter sido compilado algum pouco tempo depois de 70 d.C. Contudo, suas fontes podem ser retardadas até aos próprios dias de Cristo. Cf. F. Bruce, *Merece confiança o Novo Testamento?* (São Paulo: Vida Nova, 1990), 60.

⁴T. Zahn, *Das Evangelium des Matthäus* (Leipzig: Erlangen, 1903), 407.

⁵A. T. Robertson, *Imágenes verbales en el Nuevo Testamento* (Barcelona: CLIE), 1:11.

⁶Eusébio, *Church History*, III:39:15,16 in *Nicene and Post Nicene Fathers - second series*, [Wace, H e Schaff, P, eds.] (Oxford, New York: co-edición Parker and Company/The Christian Literature Company, 1890), 1:172, 173.

⁷Ver Bíblia Sagrada, Edição Almeida Revista e Corrigida (ARC).

argumento, em si, válido especialmente para judeus ou pessoas de mentalidade judaica (Mt 1:22; 2:15; 3:3; 4:14; 8:17, etc.).

É importante ainda anotar que a comunidade de Mateus sofria as penas de três crises fundamentais:

- autocompreensão teológica em face da aparente demora da volta de Cristo (2 Pd 3:1-18).
- perseguição incentivada pelos líderes judeus de Jerusalém (At 5:17ss; 8:1-3; 21:27ss., etc.)
- perseguição efetivada pelos próprios romanos por confundirem a Igreja com uma seita radical do judaísmo, dominada pelo espírito zelota de rebelião contra o Império (Rm 13:1-7).

Neste tempo, o assassinato de Estevão, descrito em At 8:54-60 delimita o início de um longo processo de rompimento entre cristãos e judeus que vai se consolidar ainda mais com a morte de Tiago Menor e a nova insurreição judaica iniciada em 66 d.C. É neste momento que os seguidores de Cristo abandonam Jerusalém, reduzindo para quase zero a presença cristã no território de Israel. Em contrapartida, a Igreja aumentava cada vez mais o número de adeptos tanto na Ásia gentílica quanto na Europa.

A comunidade Mateana, que recebe seu evangelho entre 34 e 66 d.C., vivia justamente sob este doloroso processo de ruptura com o judaísmo que, como dissemos, demorou cerca de três décadas para ser inteiramente assimilado.⁸ Enquanto isso, o cristianismo lutava para controlar a disputa interna de dois partidos opostos: os da circuncisão, representados por Pedro (queriam obrigar os cristãos gentios a adotarem ritos de iniciação judaica)⁹ e os *liberais*, representados por Paulo e Tiago Menor.¹⁰

Mateus, ao que tudo indica, procurava equilibrar a fé cristã e as raízes judaicas. Contudo, ele jamais perde de vista a inevitável separação entre as duas correntes motivada, especialmente, pela rejeição judaica do Messias e sua consequente perseguição à Igreja. Os que antes pediram a morte do Senhor agem agora provocando o martírio dos santos.

Por outro lado, poderia estar também entre objetivos do evangelista, demonstrar aos magistrados romanos o espírito pacifista do movimento de Cristo.

⁸J. Zumstein, Matthieu, *Le théologien* (Paris: du Cerf, 1987), 26-29. Para uma argumentação apresentada por autores que datam Mateus como anterior ao ano 70, veja: R. T. France, *Matthew, Evangelist and Teacher* (Exeter: Paternoster, 1989), 50-80; R. A. Monasterio e A. R. Carmona, *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos* (São Paulo: Editora Ave Maria, 1994), 267 e 268.

⁹Pedro, na verdade, às vezes demonstrava-se um tanto vacilante em apoiar ou não os da circuncisão. Ao que tudo indica, ele acabou tornando-se submisso à posição de Tiago e Paulo mesmo antes do Concílio de Jerusalém. Cf. At 10:1-11:18 e Gl 2:11-16.

¹⁰W. G. Thompson, *Matthews's Advice to a Divided Community. Mt 17, 22-18, 35* (Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1967).

Jesus não fora jamais um revolucionário zelota que incentivava a rebelião contra o Império de César. Seu reino não era deste mundo e sua causa não era, em primeira mão, uma luta terrena. Por isso, Jesus aconselha a não resistência (5:39) e a submissão a muitas ordens romanas como a caminhada adicional de duas milhas (5:41) e o pagamento de impostos dos quais ele mesmo dá o exemplo no episódio ocorrido em Cafarnaum (cf. 17:24-27 e 22:15-22).

Método Mateano

Mateus conserva muito bem esquematizada a doutrina de Cristo. Por isso, muitos o consideram um doutrinador da igreja iniciante.¹¹ Uma sugestiva divisão de seu trabalho pode ser aquela que se baseia na demarcação dos seis grandes discursos que aparecem em seu evangelho:

- O Sermão da Montanha (5-7)
- O discurso sobre a missão dos discípulos (10)
- O discurso em Parábolas (13)
- O discurso eclesiástico (18)
- O discurso de lamentação contra os líderes judeus (23)
- O discurso escatológico (23).

Alguns autores acrescentam um sétimo “mini-discurso” que estaria inserido textualmente na perícopes da grande comissão evangélica em 24:18-20¹². Seja como for, Mateus ainda mantém um forte estilo judaico na forma de apresentar sua narrativa. Seu texto está repleto de *paralelismos*, *midrashes* e *quiásmos*.¹³ Sua compilação dos discursos de Cristo apresenta o Salvador como um verdadeiro rabino, ora concorde com as escolas liberais (Hilel), ora acordado à linha conservadorista (Shammai).

Em Mateus, Jesus se assenta para ensinar, o que pressupõe um gesto rabínico (5:1); é naturalmente chamado de Mestre (Rabi) tanto pelo jovem rico quanto pelos

¹¹P. Bonnard, “Matthieu, éducateur du peuple chrétien” - *Mélanges bibliques en hommage au R. P. B., Rigaux* (Bruxelas: Soc. des Bollandistes, 1970), 5; W. G. Kümmel, *Einleitung in das Neue Testament* (Heidelberg: Quelle & Meyer, 1973), 127.

¹²Bacon, um dos mais influentes autores na investigação estrutural de Mateus, sugere uma estrutura formada por cinco discursos [cf. B. W. Bacon, “The Five Books of Mathew against the Jews” in *Expositor* 15 (1918), 56-66]. Para algumas variantes sobre a Estrutura de Bacon ou a apresentação de outros modelos veja: Neiryck, F, “*Apo tote êrkhatō* and the Structure of Matthew” in *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 64 (1988), 21; Krentz, E. “The Extend of Matthew’s Prologue” in *Journal of Biblical Literature* 83 (1964), 409-414; H. J. B. Combrink, “The Structure of the Gospel of Matthew as Narrative” in *Tyndale Bulletin* 34 (1983), 61-90.

¹³Veja alguns exemplos em 7:24-27; 10:39; 13:13-18; 16:25; 18:10-14. O próprio conceito de Midrash é unicamente apresentado por Mateus no comentário que Cristo faz sobre o escriba versado no reino (13:51 e 52).

fariseus e saduceus (19:16; 22:15,16, 23 e 24) e, por fim, com muita autoridade, ensina a *Torah*, dentro do recinto sagrado do Templo (21:14-17).

Por outro lado, Jesus não se limitava às esferas de um rabinato institucionalizado. De fato, ele nem mesmo era membro oficial de qualquer segmento *rabínico*. Contudo, sua pregação era inquestionavelmente superior à de todos os mestres do judaísmo, não só pela sua capacidade, mas pela sua coerência em viver aquilo que pregava. Por isso, as multidões o ouviam, pois falava como quem tem autoridade e não como os escribas (7:29).

Neste ponto, surgem perante o exegeta diversas técnicas literárias usadas pelo evangelista para acentuar de modo marcante a irremediável ruptura entre a Igreja Cristã e a Sinagoga Judaica. Temos, em princípio, um razoável número de terminologias onde o evangelista emprega um pronome possessivo de terceira pessoa para qualificar palavras como “sinagoga(s)” e “escribas” que, neste ambiente passam a ser: “as sinagogas *deles*”, “os escribas *deles*”. Algumas traduções suprimiram o pronome, mas ele consta no original e nos melhores mss., conforme pode ser visto no texto do *Greek New Testament*. Como exemplos dessa terminologia temos: 4:23; 7:29; 9:35; 12:9; 13:54, etc.

Noutra ocasião, vemos o evangelista referindo-se a uma cidade judia como sendo “a terra *deles*” (8:34). Na sua versão do discurso apocalíptico, Jesus condena os líderes judeus, usando a expressão “*vossas sinagogas*” (23:34). Há, ainda, alguns interessantes “complementos mateanos” que parecem acrescentar esse espírito de ruptura a discursos como: “Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (21:43).¹⁴

Após citar a ressurreição de Jesus, Mateus alude aos sacerdotes e anciãos que subornam os guardas para que mentissem acerca do que viram. No final dessa “nota” ele diz que tal mentira fora divulgada entre os judeus (isto é, entre *eles*) até ao dia em que o evangelho estava sendo composto (28:15).

Quanto aos romanos, Mateus chega quase a retirar-lhes a responsabilidade pela morte de Jesus, o que, aliás, também é visto nos demais evangelhos. Pilatos parece mais um fraco que um déspota. Ele queria salvar Jesus da morte, mas não podia fazê-lo devido às pressões da população judaica que, persuadida pelos seus líderes, escolhera um bandido em vez do Messias (27:20-26). Sua própria mulher surge estranhamente alertando-o da inocência de Cristo (27:19) e a guarnição de soldados reconhece com grande temor que executaram o próprio *Filho de Deus* (27:54). Noutras palavras, estrangeiros e segregados são mais cômicos do messianismo de Jesus que os judeus aos quais ele fora originalmente enviado.

Ademais, há no evangelho um marcante acento sobre alguns personagens gentios que assumem o papel de modelos a serem seguidos ou heróis a serem admirados. A mulher cananéia (15:21-28) e o centurião de Cafarnaum (8:5-13) são exemplos claros daqueles que viriam tomar o lugar dos filhos (judeus) na ceia escatológica do

¹⁴Note que este texto não aparece nas versões de Marcos e Lucas.

Messias com a descendência de Abraão (8:11-13). Até Nínivitas e Etíopes são tomados como executores de juízo sobre a nação que negligenciou o pacto com Deus (12:41 e 42).

Contudo, é importante acentuar que o Jesus de Mateus não abandona a tradição vétero-testamentária do judaísmo. Ele respeita o *Shabath*, participa da páscoa e crê na revelação escriturística. Do mesmo modo, a Igreja mateana, também procura mostrar-se fiel à Lei. Ela se julga, através de Cristo, a legítima herdeira da tradição abraâmica, a “luz do mundo” e o “sal da terra” (5:13 e 14).

Portanto, o rompimento da Igreja com a sinagoga dos fariseus, não implica num abandono da tradição vétero-testamentária. Para a comunidade mateana, Jesus é a realização plena de tudo o que estava anunciado no Escrituras Judaicas. Sua pregação não vinha destruir a *Torah*, mas, antes, dar-lhe amplo cumprimento que se traduz na continuidade da revelação dada aos profetas.

Teologia Mateana

W. D. Davies aponta extensivamente a Moisés e à saída do Egito como os motivos dominantes no esquema de Mateus.¹⁵ De fato, a teologia desse evangelista parece compor-se, pelo menos inicialmente, de um quadro midrástico que associa as figuras de Cristo e de Moisés. Ambos cumprem a expectativa da vinda de um libertador do povo de Deus. Ao nascer, Moisés é salvo de um grande infanticídio provocado por faraó e vai viver entre os egípcios. Jesus, igualmente, escapa à sentença de Herodes contra as crianças Belemitas, indo com sua família para a terra do Egito (2:13–18).

No Êxodo, a viagem para o deserto segue à saída de Moisés e dos hebreus da terra do Egito. São quarenta anos durante os quais o povo recebe a Lei e é ordenado cumpri-la. No evangelho, Jesus também sai do Egito e, após um cômputo de anos, vai para o deserto onde fica por *quarenta* dias, enfrentando o calor e as tentações do inimigo (2:23 e 4:1–11). A seguir ele sobe à montanha (antítipo do Sinai?) e concede ao povo as Leis do seu reino que nada mais são que uma ampliação do que “foi dito aos antigos” (5:1).

Assim, para a teologia mateana, Jesus é o novo Moisés que traz um segundo Êxodo para o seu povo oprimido. A expressão do *Reino Vindouro* assume nesta perspectiva o próprio conceito da “terra prometida” aos que viviam na antiga aliança.

E a Igreja? Esta assume o lugar de Israel, mas isto dentro de uma perspectiva histórica da salvação (*heilsgeschichte*) e não no âmbito da individualidade. Como indivíduo, o judeu é nitidamente um candidato ao Reino como qualquer outro incluído na comissão evangélica. Afinal, as palavras “discípulos de todas as nações”

¹⁵Davies, W. D., *The Setting of the Sermon of the Mount* (Cambridge: Cambridge University Press, 1963), 30.

não demonstra nenhuma exclusão ao país que se chama Israel. Apenas o iguala ao mundo gentílico.

Quanto, porém, à dimensão histórico-corporativista do rompimento, parece claro que a Igreja, para Mateus, assume as funções, privilégios e deveres outrora dados aos descendentes sangüíneos do patriarca Abraão. O próprio Mateus sistematiza este processo:

1 - até ao capítulo 9 Jesus prega sua mensagem a todos os judeus.

2 - no capítulo 10, o Messias divide a tarefa do anúncio com seus discípulos e missionários.

3 - nos capítulos 11 e 12, Cristo é definitivamente desprezado e rejeitado pelos judeus. Ao contrário de sua atitude no início do evangelho (4:23-25), Ele agora se retira do meio dos judeus, prefigurando, assim, a própria retirada de suas prerrogativas como povo eleito de Deus (12:15-21).

4 - nos capítulos 13-16, Jesus deixa de concentrar-se no judaísmo que rejeita o Messias e seus profetas (João Batista) e passa aos discípulos (judeus e gentios) que são, agora, a Igreja, o verdadeiro Israel. Com efeito, Mateus é o único evangelista que se refere aos discípulos usando o vocábulo *ekklesia* que traduz o hebraico *qahal* - nome que designava a assembléia religiosa do povo de Israel.

5 - nos capítulos 17-22 Jesus anuncia sua morte, embora sem a total compreensão por parte dos discípulos.

6 - no capítulo 21, vemos a autoridade de Jesus sendo questionada em Jerusalém.

7 - nos capítulos 22-25, Jesus anuncia Sua vinda e o Juízo sobre Jerusalém, o que supõe mais uma vez a perda das prerrogativas de Israel, cuja destruição pelos romanos parece ser a expressão histórica mais visível do rompimento.

8 - E, enfim, temos os capítulos 26-28 onde a morte e Ressurreição de Jesus fecham a abordagem do evangelista.

Conclusões

Para Mateus, definitivamente, a rejeição de Israel provocou uma ruptura sem retorno entre a Igreja e a Sinagoga. Porém, ele não incentiva, de modo algum, um antijudaísmo por parte da teologia cristã. Sua obra literária, conforme a inspiração divina, não se qualifica como um documento anti-semita. Sua luta é contra um sistema étnico religioso que perdeu de vista suas raízes messiânicas e não contra pessoas de uma determinada nacionalidade.

O problema, para Mateus, estava com a religião judaica que preferiu soltar Barrabás e lamentar os porcos a aceitar o Messias que havia chegado (8:28-34 e 27:26). Num futuro próximo, a destruição do templo expressaria de modo histórico e visível que Israel não era mais o povo da aliança e sua casa ficaria deserta (23:37-39). Nesta ótica, portanto, a Igreja surge como resultado do desprezo de Israel em relação ao Cristo e seus enviados (cf. 21:43).

Não foi apenas uma rejeição dos líderes judeus. Já em 2:1-12, vislumbra-se a maldade de Herodes e *de toda a Jerusalém com ele* (2:3). Mesmo que nalguns casos, o povo, em contraste com os líderes, parecia admirar as obras de Cristo (9:33 e 34), isso não se tornou distintivo para o evangelista. À medida em que se aproxima o clímax do desprezo, é o próprio povo que pede a morte do Messias. Nos capítulos 11 e 12, Jesus se dirige à Judéia e Galiléia com a alcunha de “uma geração perversa e adúltera”. Enquanto Pilatos lava as mãos supondo uma inocência, o povo sem receio responde “que seu sangue caia sobre nós e nossos filhos” (27:25). Aqui, Mateus não usa a palavra *okhlos* (multidão, turba), mas *laos*, designativo de “povo”, “país” - uma referência óbvia a todo Israel enquanto nação outrora eleita por Deus.

Portanto, como serviço de parênese, o tema da ruptura também serve de advertência à Igreja para que não lhe aconteça o mesmo que ocorreu à nação judaica. A preocupação de Mateus era que os cristãos não deixassem de produzir frutos de justiça que durassem até à *parousia* do Filho de Deus.